

UNILEÃO  
CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

PATRICIA DA SILVA AQUINO

**DESCONSTRUINDO O IDEAL DO FILHO PERFEITO: Uma revisão narrativa da  
literatura sobre o Transtorno do Espectro Autista e idealização na  
parentalidade**

JUAZEIRO DO NORTE - CE  
2024

PATRICIA DA SILVA AQUINO

**DESCONSTRUINDO O IDEAL DO FILHO PERFEITO: Uma revisão narrativa da literatura sobre o Transtorno do Espectro Autista e idealização na parentalidade**

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo Científico, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

**Orientador:** Prof. Dr. Francisco Francinete Leite Junior.

JUAZEIRO DO NORTE - CE

2024

PATRICIA DA SILVA AQUINO

**DESCONSTRUINDO O IDEAL DO FILHO PERFEITO: Uma revisão narrativa da literatura sobre o Transtorno do Espectro Autista e idealização na parentalidade**

Este exemplar corresponde à redação final aprovada do Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Data da Apresentação: 04/12/2024

**BANCA EXAMINADORA**

Orientador: PROF. DR. FRANCISCO FRANCINETE LEITE JUNIOR/ UNILEÃO

Membro: : PROFA.ME. INDIRA SIEBRA DE HOLANDA/ UNILEÃO

Membro: MARIA JEANE SILVA LACERDA/ MEMBRO EXTERNO

JUAZEIRO DO NORTE - CE

2024

# **DESCONSTRUINDO O IDEAL DO FILHO PERFEITO: Uma revisão narrativa da literatura sobre o Transtorno do Espectro Autista e idealização na parentalidade**

Patricia da Silva Aquino<sup>1</sup>

Francisco Francinete Leite Junior<sup>2</sup>

## **RESUMO**

Este estudo apresenta uma revisão da narrativa da literatura de caráter descritivo e qualitativo, com o objetivo de analisar e discutir como os pais de crianças atípicas recebem o diagnóstico de seus filhos e lidam com a desconstrução da imagem idealizada do "filho perfeito". Foram realizadas consultas a artigos na língua portuguesa e inglesa, além de livros de autores importantes. A pesquisa baseia-se em publicações científicas de livros, artigos e teses, extraídas de bases como Google Acadêmico, Scielo e Pepsic, no período de 2014 a 2024. Buscou-se entender os marcos do desenvolvimento como elementos essenciais para identificar sinais de que algo pode estar fora do esperado, possibilitando intervenções precoces e o diagnóstico adequado, prevenindo possíveis problemas futuros. Ademais, os pais, ao projetarem esses valores em seus filhos, esperam que eles correspondam a essas normas, tanto no aspecto físico quanto comportamental. Esse processo de idealização é reforçado por uma sociedade que valoriza a performance, a competitividade e a conformidade com certos padrões, o que pode gerar uma pressão significativa sobre os filhos para que atendam essas expectativas.

**Palavras-chave:** Criança Atípica; Idealização; Psicologia; Diagnóstico; Pais.

---

<sup>1</sup>Discente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: paty.aquino905@gmail.com

<sup>2</sup>Docente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: francinetejunior@leaosampio.edu.br

## 1 INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como tema central a elaboração da desconstrução do ideal do "filho perfeito", processo que se inicia diante da vivência dos pais ao receberem o diagnóstico de que seu filho é uma criança atípica. Esse ideal de filho pode estar pautado em uma construção que reflete as expectativas, sonhos e projeções criadas pelos pais, tanto antes, quanto durante o processo gestacional. Ademais, esse ideal é frequentemente moldado por normas sociais e culturais. Vale ressaltar que essas expectativas envolvem questões relacionadas ao desenvolvimento físico, intelectual, comportamental e social da criança, baseadas em padrões típicos ou ideais de desenvolvimento.

O período gestacional é marcado por grandes expectativas e idealizações realizadas pelos pais, como mencionado por Levin (2005, p. 36) "antes de nascer, a criança é uma hipótese, uma novidade, um projeto e uma promessa". Durante esse processo, a criança é imaginada e sonhada, levando os pais a investirem emocionalmente na ideia do filho que está por vir. Nesse contexto, ocorrem projeções dos desejos, sonhos e até mesmo reflexões sobre a história pessoal dos pais (Góes, 2005).

Tal tema justifica-se por estar profundamente alinhado com a minha formação acadêmica e as experiências adquiridas ao longo dos estágios. Durante meu estágio tive a oportunidade de trabalhar diretamente com crianças atípicas, observando de perto as dificuldades enfrentadas pelas famílias e a importância de um suporte psicológico adequado. Diante de tal experiência, houve o interesse pessoal de entender mais profundamente sobre os desafios enfrentados por crianças atípicas e suas famílias. Além disso, trabalhar com crianças atípicas em meu estágio despertou em mim um compromisso em continuar estudando e contribuindo para a aceitação e inclusão. Ainda mais por sua relevância na atualidade, devido ao aumento significativo nos diagnósticos de crianças atípicas.

Essa tendência pode ter efeitos significativos na saúde emocional e no desenvolvimento, sejam eles emocionais ou cognitivos das crianças, portanto, é importante refletir criticamente sobre os padrões que são construídos e impostos pela cultura dominante. Além disso, ao desconstruir o ideal do filho perfeito, podemos contribuir para a aceitação da diversidade e para a construção de relações familiares mais saudáveis, autênticas e respeitadas, como mencionado por Sá e

Rabinovich (2006) quando estão nesse processo de adaptação pode ocasionar algumas oscilações emocionais as quais está entre um momento de aceitar e rejeição, até que possam se sentir mais confiantes para desenvolverem um vínculo mais afetivo.

Este estudo é relevante academicamente porque aborda uma lacuna importante na área da Psicologia, ao tratar da forma como os pais de crianças atípicas lidam com as demandas relacionadas à criação de seus filhos. O imaginário parental, frequentemente influenciado por expectativas sociais, culturais e psicológicas, é desafiado no momento em que esses pais se deparam com o diagnóstico de uma condição atípica. Além disso, o estudo contribui para uma melhor compreensão das discussões sobre parentalidade, explorando as expectativas sociais em torno da infância e como essas expectativas são ressignificadas no contexto do cuidado e desenvolvimento de crianças atípicas.

Percebemos que a desconstrução desse ideal pode, muitas vezes, ser um processo doloroso e confuso para os pais, especialmente quando o diagnóstico está relacionado a uma condição atípica, gerando um conflito com as expectativas previamente construídas. Esse processo como foi mencionado anteriormente pode desencadear sentimentos de tristeza, incertezas e culpa, resultando em uma oscilação emocional significativa. A cultura dominante, com suas expressões sociais e culturais, promove a idealização de filhos "perfeitos", influenciando as expectativas que os pais têm em relação aos seus filhos. Nesse contexto, surge a seguinte questão central: A partir da literatura científica, como os pais de crianças atípicas recebem e lidam com o diagnóstico de seus filhos, ao mesmo tempo em que elaboram a desconstrução da imagem idealizada do "filho perfeito"? Essa problemática inclui ainda o papel dos pais — tanto pai quanto mãe — e como as dinâmicas familiares e de gênero influenciam essa idealização.

Perante a problemática de como os pais de crianças atípicas recebem e lidam com o diagnóstico, o presente estudo tem como objetivo analisar o processo de desconstrução do ideal do "filho perfeito". Explorando como a aceitação dos pais influencia o desenvolvimento emocional e cognitivo dessas crianças, considerando a importância do bem-estar infantil nesse contexto. Investigando o papel da sociedade na construção e desconstrução das expectativas parentais, avaliando como as normas sociais e culturais moldam essas expectativas em relação ao desenvolvimento de seus filhos atípicos.

## 2 DESENVOLVIMENTO

### 2.1 METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como uma revisão narrativa da literatura o qual cobre todo o material relevante que é escrito sobre um tema: livros, artigos de periódicos, artigos de jornais, registros históricos, relatórios governamentais, teses e dissertações e outros tipos (Brum *et al.*, 2015). Ademais, trata-se de uma pesquisa de caráter descritivo e qualitativo, com o objetivo de analisar e discutir como os pais de crianças atípicas recebem o diagnóstico de seus filhos e lidam com a desconstrução da imagem idealizada do "filho perfeito". Assim, pode-se compreender que pesquisa bibliográfica busca tanto explicar e como também discutir um tema com base em referências teóricas publicadas nos seguintes recursos: livros, revistas, periódicos e outros. Além do mais, busca conhecer e analisar conteúdos científicos sobre determinado tema (Martins, 2001). Ainda, segundo Fonseca (2002, p. 32):

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos e páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta.

Esta abordagem qualitativa segue o modelo proposto por Rother *et al.* (2007), consistindo na análise do conteúdo de publicações científicas relevantes. Vale ressaltar que além disso, segundo Gerhardt e Silveira (2009, p.32):

As características da pesquisa qualitativa são: objetivação do fenômeno; hierarquização das ações de descrever, compreender, explicar, precisão das relações entre o global e o local em determinado fenômeno; observância das diferenças entre o mundo social e o mundo natural; respeito ao caráter interativo entre os objetivos buscados pelos investigadores, suas orientações teóricas e seus dados empíricos; busca de resultados os mais fidedignos possíveis; oposição ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências.

Para a realização da revisão de literatura, utilizou-se a coleta de dados bibliográficos, o que permitiu acessar uma variedade de informações relevantes já

disponíveis sobre o tema. Esse procedimento possibilita ao pesquisador explorar materiais previamente publicados, como livros, artigos, revistas e outros documentos científicos, tanto impressos quanto digitais, para obter informações classificadas como secundárias (Lakatos; Marconi, 1999).

A revisão de literatura foi realizada por meio da seleção de publicações de artigos científicos, revistas e capítulos de livros relevantes nas seguintes bases de dados: Google Acadêmico, Scielo e Periódicos Eletrônicos em Psicologia (Pepsic). A busca foi guiada pelas palavras-chave: criança atípica, diagnóstico, psicologia e pais. O período de inclusão dos estudos compreende os últimos 10 anos (2014 a 2024), a fim de garantir a atualização das discussões teóricas sobre o tema. Os critérios de inclusão para os estudos selecionados são: artigos, revistas, capítulos de livros e publicações completos e originais, escritos em português e inglês; estudos que abordem a temática do "filho perfeito" e sua desconstrução frente ao diagnóstico de uma criança atípica; trabalhos que ofereçam um referencial teórico relevante para a compreensão do impacto do diagnóstico e das expectativas parentais. Assim sendo, excluído artigos que não discutam diretamente a questão da idealização do filho ou da relação parental com crianças atípicas; apresentem revisões secundárias sem análises originais ou com dados desatualizados (anteriores a 2014).

## 2.2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.2.1 Crianças Atípicas: Um olhar sobre o Desenvolvimento Infantil

O desenvolvimento humano envolve diversas dimensões, como afetiva, cognitiva, social e biológica, que influenciam o indivíduo ao longo de sua vida. Papalia (2006) destaca que o desenvolvimento humano está associado tanto às mudanças que ocorrem ao longo do tempo quanto às características que permanecem estáveis durante o percurso de vida. Além disso, é importante considerar fatores sociais, econômicos, biológicos e financeiros, como discutido por Riquelme (2010). Assim sendo:

O simples crescimento não é suficiente. A riqueza mundial está a crescer em termos absolutos, mas também está a aumentar as desigualdades. Não basta apenas progredir do ponto de vista econômico e tecnológico; o desenvolvimento precisa ser acima de tudo humano, sustentável e integral (Riquelme, 2010, p. 09).

Nesse contexto, o desenvolvimento humano também pode ser entendido como um processo em que o indivíduo funciona de forma integrada, combinando maturação, experiência e cultura. Como sugerem Magnusson e Cairns (1996), esses elementos se interligam ao longo da vida, formando uma base complexa para o desenvolvimento psicológico. Assim, as influências culturais, genéticas e fisiológicas desempenham um papel crucial na trajetória de cada pessoa. Como mencionado por Lawrence e Dodds (1997), o desenvolvimento deve ser visto como “uma estrutura sistêmica de relações bidirecionais entre níveis verticais e horizontais, ocorrendo em um tempo social e pessoal, sendo as mudanças probabilísticas e manifestadas em padrões de coações coordenadas por meio de níveis do funcionamento humano” (p. 293).

Para compreender melhor o desenvolvimento infantil, é necessário abordar seu processo de aprendizagem, que está diretamente relacionado a diversas capacidades, como as cognitivas, motoras, emocionais e sociais. Mota (2005) destaca que, à medida que a criança adquire essas capacidades, espera-se que ela apresente comportamentos adequados à sua idade, indicando que o desenvolvimento está vinculado ao aprimoramento dessas habilidades e ao progresso da sua independência. O autor também ressalta a importância de pesquisas focadas no desenvolvimento infantil, pois elas têm o potencial de impactar positivamente a sociedade, influenciando diretamente a educação das crianças. Isso ajuda tanto pais quanto professores a entenderem melhor as fases do desenvolvimento infantil, possibilitando que lidem de maneira mais eficaz com os desafios.

Além disso, é fundamental refletir sobre o conceito de infância. Segundo Ariès (1981), a infância é uma construção moderna, influenciada pela institucionalização da escrita e da escola, o que molda nossa compreensão contemporânea sobre essa fase da vida. Antes disso, as crianças eram vistas principalmente como pequenos adultos, com papéis e responsabilidades muito semelhantes às dos adultos, especialmente após atingirem uma certa idade. Com os avanços a infância passou a ser considerada uma fase distinta da vida, com características próprias, que necessitavam de proteção, educação e cuidados especiais.

É essencial destacar que cada criança é única, com necessidades e tempos próprios, o que torna a comparação entre elas inadequada, mesmo quando

possuem a mesma idade. O desenvolvimento ocorre de forma gradual, podendo apresentar avanços e retrocessos, e é influenciado por fatores como estímulos adequados ou a falta deles. O desenvolvimento infantil, que se concentra principalmente nos primeiros 12 anos de vida, é uma das fases mais significativas de crescimento do indivíduo (Mota, 2005).

Para compreender o desenvolvimento infantil, é essencial reconhecer as fases que ocorrem desde a primeira infância, um período crucial para o desenvolvimento cerebral, marcado pela plasticidade, permitindo a aquisição de habilidades fundamentais para os anos seguintes (Black *et al.*, 2017). Durante esse estágio, o desenvolvimento global das habilidades motoras grossas e finas se destacam, facilitando a exploração do ambiente, por meio de brincadeiras com objetos, expressões de afeto e a conquista de maior independência através da mobilidade (Weiss; Oakland; Aylward, 2017).

O desenvolvimento cognitivo está diretamente ligado à capacidade da criança de compreender e reagir ao mundo ao seu redor, facilitando a formação de conceitos, o aperfeiçoamento do raciocínio e a busca por soluções para os desafios que surgem. Além disso, esse processo engloba a capacidade de aprender, focar a atenção, planejar e organizar suas ações. Já no campo sócio-comunicativo, a criança começa a entender melhor as emoções e sentimentos dos outros, o que favorece suas interações sociais (Trombly; Radomski, 2005).

Os marcos do desenvolvimento são compostos por habilidades que a maioria das crianças atinge em períodos específicos de tempo, respeitando as variações individuais, que possuem limites mínimo e máximo. Esse respeito ao ritmo de cada criança, levando em consideração os parâmetros seguros, é algo sublinhado pelo Ministério da Saúde (Brasil, 2016). O desenvolvimento infantil, portanto, segue uma sequência de fases, em que novas tarefas são introduzidas, e as habilidades vão se tornando mais complexas à medida que a criança amadurece (Mendonça, 2008).

Entre as habilidades esperadas nos primeiros anos de vida estão o controle da cabeça e do tronco, sentar sem ajuda, rolar, engatinhar, brincar de esconder, reconhecer vozes e caminhar. Conforme essas habilidades evoluem, a criança expande seu repertório, principalmente nas atividades diárias e nas brincadeiras (Pfeifer; Sant'Anna, 2020).

Entender esses marcos do desenvolvimento é essencial para identificar sinais de que algo pode estar fora do esperado, possibilitando intervenções precoces e o

diagnóstico adequado, prevenindo possíveis problemas futuros. O conhecimento sobre o desenvolvimento típico é uma ferramenta vital para os profissionais que trabalham com crianças, auxiliando na identificação e abordagem de possíveis atrasos ou dificuldades no desenvolvimento (Academia Americana de Pediatria - APA, 2014).

Para além do que já foi abordado, é fundamental destacar que, durante a gestação, ocorrem diversas transformações que se estendem desde a concepção até o momento do parto. Conforme mencionado por Coutinho *et al.* (2014), esse período envolve o desenvolvimento de um novo ser, trazendo alterações significativas tanto no âmbito fisiológico quanto na vida da gestante, do casal e das pessoas ao seu redor. Assim, é essencial que haja uma preparação física e psicológica para lidar de maneira mais eficaz com esses vínculos. Importante ressaltar que cada gestação é singular, variando de acordo com a mulher e o casal (Medeiros, 2020).

O acompanhamento durante o pré-natal é crucial para assegurar um progresso saudável e tranquilo da gestação, além de possibilitar a identificação de potenciais problemas ao longo do processo, conforme enfatiza Medeiros (2020). Outro aspecto relevante durante o pré-natal é a participação do pai, que, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), contribui para o aprendizado e a troca de experiências, promovendo um ambiente mais colaborativo. Pompermaier e Freitas (2020) salientam que o suporte do homem em momentos desafiadores da gestação é vital para o bem-estar da gestante. Nesse sentido, Lima, Cazola e Pícoli (2017, p.22) afirma que:

É fundamental que se forme um elo entre mãe-pai-bebê desde a gestação. A presença mais ativa do pai na fase de preparação para a maternidade encorajaria a mãe a amamentar por mais tempo, a aprovação do pai para a amamentação é um fator primordial para o sucesso do Aleitamento Materno.

Ainda é válido ressaltar que o ambiente familiar, especialmente nos primeiros anos de vida, desempenha um papel fundamental tanto na socialização quanto na aprendizagem. A família é a principal fonte de afeto, segurança e estímulos nessa fase inicial. Com o ingresso da criança em novos ambientes, como a escola, suas interações se expandem significativamente, oferecendo novas oportunidades de aprendizado e socialização. Essas mudanças não afetam apenas o desenvolvimento

da criança, mas também provocam alterações importantes na dinâmica familiar, que precisa se adaptar para lidar com novas demandas e desafios (Bhering; Sarkis, 2009).

Assim sendo, é essencial destacar o papel fundamental da família como o principal contexto de suporte para o desenvolvimento da criança. Quando uma criança com deficiência ou transtorno nasce, há uma necessidade de ajustes significativos nos planos familiares, o que pode gerar um aumento nas responsabilidades e nas demandas que podem se relacionar com o emocional, como também com questões financeiras. Esses fatores podem ser um intensificador relacionado ao estresse dos pais, levando-os a repensar as práticas educativas que antes consideravam adequadas. Além de proverem os cuidados básicos, os pais desempenham um papel vital como exemplos de comportamento, responsáveis pela disciplina e facilitadores da socialização de seus filhos. Eles são fundamentais no estímulo inicial para o desenvolvimento infantil. Diante disso, é crucial que as famílias que enfrentam esses desafios recebam o suporte necessário e os recursos adequados, para que possam criar um ambiente propício ao crescimento saudável e ao bem-estar da criança (Bronfenbrenner; Morris, 2006; Pérez-López *et al.*, 2012; Franco, 2015).

Torna-se evidente a importância das interações sociais para o desenvolvimento humano, algo que começa a ser moldado desde as primeiras relações entre mãe e bebê. Embora essas interações possam ocorrer de maneiras diversas em certos casos, é essencial compreender o desenvolvimento infantil para fornecer o apoio necessário a crianças que enfrentam desafios, seja no desenvolvimento típico ou atípico. Ao conhecer e entender as diferenças no desenvolvimento atípico, podemos oferecer intervenções personalizadas que atendam às necessidades específicas de cada criança, garantindo assim um ambiente propício para seu crescimento e desenvolvimento.

Piaget (1998) enfatiza também que a atividade lúdica no desenvolvimento infantil é fundamental para atividades intelectuais. Assim, ele enfatiza que o aspecto intelectual e físico estão interligados e que o aprendizado não pode ocorrer sem um funcionamento pleno do organismo. Desta forma, o autor reconhece que na brincadeira e no jogo desempenha um papel essencial na vida de todas as pessoas. Dessa forma, contribui para os movimentos cognitivos, emocionais e sociais, permitindo que a criança possa explorar o mundo ao seu redor, experimente

diferentes papéis e desenvolva habilidades importantes para a vida adulta. Piaget (1971, p. 67) diz que "Quando brinca, a criança assimila o mundo à sua maneira, sem compromisso com a realidade, pois a sua interação com o objeto não depende da natureza do objeto, mas da função que a criança lhe atribui".

Outro ponto a ser considerado é o desenvolvimento desse brincar com crianças atípicas, em relação a crianças com o Transtorno do Espectro Autista (TEA) é a questão das habilidades sociais dessas crianças. Com frequência, observa-se uma preferência por objetos em vez de interações com pessoas, e a comunicação não verbal limitada pode dificultar a interação social, levando a respostas inadequadas ou até mesmo à rejeição por parte dos outros. Esses desafios sociais podem ter um impacto significativo no desenvolvimento da criança. A autora Bosa (2002) ressalta a importância de uma abordagem mais sensível e atenta para atender e apoiar adequadamente essas crianças, reconhecendo suas necessidades únicas e proporcionando o suporte necessário para o seu crescimento e desenvolvimento.

Bagarollo (2005) ainda faz uma ressalva quando menciona a brincadeira com crianças autistas, o mesmo pontua que esse brincar não está apenas relacionado com a falta de oportunidade e acesso a brinquedos, mas também a crença errônea de que essa criança não teria capacidade imaginativa. Muitas vezes, os responsáveis não investem em atividades lúdicas com as crianças, pois acreditam nas limitações o que pode fazer com que essa criança seja privada das experiências lúdicas, nesse viés isso pode afetar negativamente o desenvolvimento da criança.

Considerando a tese do desenvolvimento social e cultural dos sujeitos abordado pela teoria histórico-cultural, na qual a constituição dos seres humanos se dá na medida em que estes se apropriam das atividades da cultura, sendo o brincar uma delas, e que isto ocorre na relação com os outros, a ideia de que as crianças autistas apresentam dificuldades inatas para o brincar não se sustenta integralmente. O que parece ocorrer é que as características ocasionadas pela condição orgânica da criança se entrelaçam ao estranhamento e paralisação dos outros frente a ela, levando a uma dificuldade de estabelecer interações com atividades de brincadeiras, provocando, então, a constituição de um brincar estereotipado (Bagarollo, 2005, p. 13).

Em vista disso, compreende-se que o desenvolvimento das crianças atípicas requer uma abordagem sensível e dedicada em relação às crianças com TEA. Se o brincar desempenha um papel crucial nesse processo, de tal forma que a criança possa explorar o mundo de forma imaginativa e interagir com os outros, através do

faz de conta, ela desenvolve habilidades sociais, linguísticas e emocionais, possibilitando uma melhor compreensão sobre a realidade ao seu redor. Além disso, é fundamental que a rede de apoio, como os pais, professores e colegas, intervenham nesse processo, proporcionando oportunidades para a criança ter um engajamento em atividades lúdicas. Vale ressaltar que esse brincar não deve ser apenas uma forma de entretenimento, mas sim uma parte integrante do seu desenvolvimento e aprendizado.

### **2.2.2 Para além do diagnóstico: perspectivas sobre o autismo**

Ao falar sobre desenvolvimento atípico este está relacionado com algum comportamento que é visto como fora do padrão e pode ter origens diferentes. Assim, o desenvolvimento atípico é definido como “o desenvolvimento de crianças que apresentam atrasos e/ou prejuízos em relação às crianças com a mesma faixa etária” (Lepre, 2008, p. 28).

Em seus estudos, Vygotsky (2011) ressalta que as crianças com desenvolvimento atípico enfrentam desafios que vão muito além das questões biológicas, pontuando sobre a exclusão social que podem sofrer devido às suas deficiências e/ou transtornos. Diante disso, ele questiona que os obstáculos não são apenas a limitação biológica em si, mas também a inserção social, aprendizado com os outros e interação com o ambiente ao redor. Além disso, o autor enfatiza que diante destes obstáculos para a criança com desenvolvimento atípico, se faz necessário que haja uma interação com seus pares e adultos, o que pode ocasionar uma troca de conhecimentos e experiências. De tal modo, essas experiências sociais são de suma importância para que haja o desenvolvimento de competências que possam influenciar na superação das dificuldades decorrentes da limitação biológica. Nesse sentido:

No decorrer da experiência, a criança aprende a compensar suas deficiências naturais; com base no comportamento natural defeituoso, técnicas e habilidades culturais passam a existir, dissimulando e compensando o defeito. Elas tornam possível enfrentar uma tarefa inviável pelo uso de caminhos novos e diferentes. O comportamento cultural compensatório sobrepõe-se ao comportamento natural defeituoso (Cunha; Ayres; Moraes, 2010, p. 65).

Vale ressaltar que para Vygotsky (2011), em sua teoria da compensação, pontua sobre crianças com desenvolvimento atípico que podem alcançar o mesmo nível de desenvolvimento de uma criança típica. Entretanto, esse alcance seria obtido de maneira diferente, utilizando outros meios. Outro fator que a teoria ressalta é o desenvolvimento cultural, o qual pode oferecer oportunidades para compensar deficiências que não podem ser superadas nos processos orgânicos.

Diante do aumento significativo no número de diagnósticos nos dias de hoje, um dos transtornos que se destaca em crianças é o Transtorno do Espectro Autista (TEA). Quando mensura-se o diagnóstico esse possui alguns pontos a serem validados importância de diferenciar sintomas primários e secundários, considerando fatores como contexto cultural e social, além de condições clínicas associadas. o diagnóstico não se baseia exclusivamente em exames laboratoriais ou de imagem, mas em uma análise cuidadosa dos sintomas, da história clínica e da evolução da doença. É necessário considerar a totalidade dos dados clínicos e a evolução do quadro para chegar a um diagnóstico preciso. Muitas vezes, o curso da doença influencia o diagnóstico, que deve ser revisado constantemente (Dalgalarrodo, 2019).

Transtorno do Espectro Autista (TEA) este é caracterizado como um transtorno do neurodesenvolvimento considerado pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V-TR), o qual afeta o desenvolvimento motor e psiconeurológico, podendo resultar em desafios cognitivos, linguísticos e na interação social da criança (American Psychiatric Association, 2023). Além disso, o TEA pode também manifestar-se de forma diversa em cada indivíduo, variando em termos de intensidade e áreas afetadas. A maioria dos pacientes começa a manifestar sintomas entre 12 e 24 meses de idade, porém, o diagnóstico tipicamente só ocorre quando a criança atinge os 4 ou 5 anos (American Psychiatric Association, 2023). Posto isto:

O autismo tem sido objeto de estudo científico há pouco mais de seis décadas. Questionamentos sobre definições diagnósticas, possíveis causas, comorbidades, características psicológicas, funcionamento cerebral e possibilidades de intervenção vêm até os dias atuais inquietando pesquisadores, profissionais e a população em geral (Mota *et al.* 2011, p. 375).

Assim como mencionado pelo o autor, o Transtorno do Espectro Autista ainda é um campo vasto de perguntas sem respostas. Com isso, percebe-se como ainda é

um campo complexo e em constante evolução e que ainda desafia pesquisadores, profissionais da área da saúde e a própria sociedade.

Considerando isso é notável que nos últimos anos, tem sido observado um aumento considerável nos casos diagnosticados como o do Transtorno do Espectro Autista (TEA), conforme destacado por Shaw *et al.* (2021). No Brasil, alguns fatores têm contribuído para esse aumento e para o avanço no diagnóstico e tratamento adequados das crianças. Esses fatores estão associados com: Reforma Psiquiátrica, mudanças na transição epidemiológica e os aprimoramentos nos critérios de diagnóstico para o TEA. Além disso, é relevante mencionar o fortalecimento da capacitação das equipes multiprofissionais, como ressaltado por Martins *et al.* (2021) e Oliveira *et al.* (2017). Esses desenvolvimentos têm sido essenciais para uma melhor identificação e assistência às crianças com TEA no contexto brasileiro.

Além do que já foi mencionado outros fatores que são importantes para esses aumentos podem está relacionado com fatores socioeconômico, Accordino *et al.* (2017) destaca sobre o aumento do TEA em comunidades desfavorecidas. Assim, o fator socioeconômico influencia negativamente o diagnóstico, além de influenciar na acessibilidade aos serviços. O autor ainda menciona sobre a relevância do diagnóstico precoce nesses contextos para ter terapias comportamentais mais eficazes, pois nessas comunidades menos favorecidas a falta de recurso pode resultar em diagnósticos tardios. Além do mais, a Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP, 2019) pontua sobre o fator cultural como sendo um dos aspectos tardio para o diagnóstico. Esse fator está associado a elementos que incluem: baixa renda familiar, etnia, falta de estímulo adequado e pouca observação do desenvolvimento infantil por parte dos pais, profissionais de saúde e educadores.

Em suma observa-se que juntamente com as barreiras culturais e socioeconômicas, contribui para o diagnóstico tardio e, conseqüentemente, para um tratamento menos eficaz. Portanto, é perceptível que, diante do diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista, pode causar um impacto significativo no contexto familiar, especialmente nas relações intrafamiliares e nas expectativas de vida de um filho idealizado, que acabam sendo frustradas. Isso pode tornar a aceitação inicial difícil, especialmente por parte dos pais, além de poder acarretar distanciamento no convívio da criança. Além do mais, a falta de conhecimento sobre o TEA pode

ocasionar dificuldades no processo de aceitação, o que ressalta a importância do apoio, atenção e orientação adequada por parte dos profissionais.

### **2.2.3 Desconstrução do filho ideal: diagnóstico de crianças atípicas**

A ideia de "filho perfeito" está intimamente ligada às expectativas que pais e sociedade constroem com base em fatores históricos, sociais e culturais. Essas expectativas refletem padrões de comportamento, aparência e habilidades que são vistos como desejáveis e ideais. Os pais, ao projetarem esses valores em seus filhos, esperam que eles correspondam a essas normas, tanto no aspecto físico quanto comportamental. Esse processo de idealização é reforçado por uma sociedade que valoriza a performance, a competitividade e a conformidade com certos padrões, o que pode gerar uma pressão significativa sobre os filhos para que atendam essas expectativas (Salles, 2005).

A sociedade define padrões de normalidade que, quando não são cumpridos, muitas vezes levam à estigmatização e ao desconforto tanto para as crianças quanto para suas famílias. Essa ideia de normalidade tem raízes históricas, com fortes influências religiosas durante a Idade Média, quando o corpo e o comportamento eram vistos como expressões da "perfeição divina". Nessa época, a perfeição estava vinculada tanto à aparência física quanto a comportamentos considerados "naturais" e "normais" para a sociedade. O corpo, entendido como uma obra perfeita criada à "imagem e semelhança de Deus", deveria atender a essas normas estabelecidas (Fernandes; Schlesener; Mosquera, 2011, p. 135). Com o passar do tempo, essa concepção de normalidade também se ampliou para incluir atitudes e comportamentos aceitos pela sociedade, contribuindo para a manutenção de ideais que nem sempre refletem a realidade das crianças e suas individualidades, "a cada instante vigiar o comportamento de cada um, apreciá-lo, sancioná-lo, medir as qualidades ou os méritos" (Foucault, 1987, p. 169).

Essa ideia de normatividade surge a partir de regras condicionais que definem padrões de comportamento ou características. Essas regras, no entanto, não são imparciais, pois estão ligadas àqueles que detêm o poder de determinar o que é considerado normal. Assim, "não existe algo que seja normal ou anormal por si só. A diferença ou a variação não é, em essência, problemas de saúde, mas sim outras formas de vida possíveis [...] o patológico não é a ausência de uma norma biológica,

mas uma norma distinta” (Canguilhem, 2009). O que é considerado normal ou patológico depende dos padrões que a sociedade define e da autoridade de quem estabelece essas regras.

Durante o processo gestacional, há uma grande expectativa para aqueles que aguardam ansiosamente a chegada do bebê. Existe uma idealização de que esse filho será saudável e perfeito, de acordo com os padrões estabelecidos pela sociedade, sem qualquer tipo de deficiência. No entanto, quando essa idealização é quebrada, ocorre uma espécie de morte simbólica do filho idealizado. Esse momento é marcado por uma intensa dor, angústia, desespero e tristeza, além de outros sentimentos negativos associados a esse processo de luto (Zornig, 2010).

No entanto, quando ocorre alguma síndrome ou patologia que não estava nos planos e expectativas dos pais, isso pode gerar um impacto significativo na forma como eles percebem a criança real em comparação com a criança idealizada. Os pais podem enfrentar angústia ao lidar com o luto pela perda do filho imaginado, quebra de expectativas e a necessidade de ajustar sua visão do futuro. Diante dessa desconstrução da idealização, é crucial que os pais possam passar por um processo de elaboração do luto para aceitar a realidade e estabelecer um vínculo saudável com o filho que está presente em suas vidas. É natural que nesse processo, os pais vivenciam sentimentos de tristeza, incerteza e até mesmo culpa, à medida que enfrentam essa nova realidade (Alves, 2012).

Assim como é discutido pelo psicólogo e psicanalista Alfredo Jerusalinsky (2006, p. 265), em que ressalva:

O bebê é recebido a partir da fantasia materna, e no melhor dos casos, não só daquela da mãe, mas do casal parental, ou seja, a partir das fantasias inconscientes que neles se engendraram como montagens a partir da castração e que ficam implicadas na constituição do laço conjugal e familiar.

Com isso percebemos que quando esse bebê é recebido, ele não está apenas em um ideal da realidade, mas também está envolvido tanto nas fantasias como também na expectativa inconsciente da mãe, ou como mencionado no ideal do casal como um todo. Além disso, percebemos que essas fantasias podem também estar formadas ao longo do tempo, assim como as questões que envolvem fatores psicológicos profundos, tanto como medos, desejos e ansiedades relacionados à parentalidade e à dinâmica familiar. Além disso, essas fantasias têm origem nas experiências individuais desses membros familiares, tais influências

culturais e sociais. Como também, essas fantasias podem desempenhar um papel importante na formação de vínculos tanto conjugal como familiar, de tal modo que pode afetar como os pais percebem e interagem com esse bebê (Jerusalinsky, 2006).

Como discutido anteriormente, a participação paterna é de extrema relevância durante o período gestacional e nos primeiros anos de vida da criança. No entanto, a presença da figura materna, ou de quem desempenha essa função, também exerce um papel central no desenvolvimento infantil. Segundo Winnicott (1993), o vínculo entre a criança e a mãe, ou cuidador primário, é fundamental para que o bebê possa se desenvolver de maneira saudável. Sem esse vínculo afetivo, a criança pode enfrentar dificuldades em se envolver de maneira plena com o mundo ao seu redor.

Os cuidadores, portanto, desempenham um papel crucial na formação do sujeito desde o nascimento, uma vez que o desenvolvimento psicológico e emocional da criança ocorre dentro de um contexto social pré-existente. Esse contexto inclui a história familiar, cultural, e as expectativas dos pais em relação ao filho, o que impacta diretamente o lugar que a criança ocupará no mundo. Kupfer *et al.* (2009) apontam que as ações e interações estabelecidas pelos cuidadores nos primeiros anos de vida — sejam elas físicas, afetivas ou simbólicas — são determinantes na constituição do sujeito. Essas interações moldam as bases emocionais e cognitivas da criança, influenciando seu desenvolvimento futuro.

A constituição da criança começa a se manifestar, para que as tendências ao desenvolvimento comecem a desdobrar-se, e para que o bebê comece a experimentar movimentos espontâneos e se torne dono das sensações correspondentes a essa etapa inicial da vida (Winnicott, 2000, p. 403).

Além disso, é importante destacar que o desenvolvimento humano é moldado pelas interações contínuas entre a criança e os diversos ambientes em que ela está inserida, como a família, a escola e a comunidade (Bronfenbrenner, 2004). O autor denomina essas interações de "processos proximais", considerados essenciais para o progresso do desenvolvimento infantil. Ademais, é fundamental observar como essas interações ocorrem, tanto em termos de qualidade quanto de consistência, uma vez que essas variáveis são cruciais para compreender a influência exercida sobre o desenvolvimento da criança ao longo das diferentes etapas da vida (Diniz; Koller, 2010).

Ana Suy (2024) traz uma reflexão atual sobre os desafios e as complexidades do desejo de ser mãe, um tema que frequentemente envolve dúvidas e incertezas: "Será que serei uma boa mãe? A maternidade é realmente para mim?". Essas questões ressaltam a dificuldade de antecipar a experiência da maternidade, já que muitas de suas respostas surgem apenas ao longo do processo.

Além disso, o papel da mãe ainda carrega fortes estereótipos culturais que valorizam o "instinto materno", como se ele fosse uma certeza inata. No entanto, essa conexão com o bebê nem sempre surge instantaneamente; para algumas mulheres, o laço pode demorar a se formar e, em alguns casos, surgem sentimentos de arrependimento. Esse cenário mostra que a maternidade não é um caminho único e linear, mas sim um processo que se desdobra e se revela aos poucos.

Outro ponto abordado pela autora é a tensão entre o desejo próprio e as expectativas externas. A sociedade, a família e a cultura em que estamos inseridos frequentemente impõem ideias sobre o que é "ser mulher", "ser mãe" e "ser feliz". Tais expectativas podem influenciar nossas decisões, tornando difícil distinguir o que realmente queremos do que é esperado de nós. Apesar das conquistas de autonomia, como o acesso a métodos anticoncepcionais e informações sobre a maternidade, ainda há aspectos da vida que permanecem imprevisíveis e intangíveis, trazendo consigo uma incerteza que gera sofrimento. O desejo de ser mãe é atravessado por fatores pessoais e culturais, e o entendimento desse papel é um processo contínuo e individual, marcado por descobertas que só se tornam claras com o tempo (Suy, 2024).

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como mencionado ao longo do trabalho, o impacto da idealização do "filho perfeito" na dinâmica familiar, especialmente em contextos de desenvolvimento atípico, como o autismo, revela como fatores históricos, culturais e sociais moldam as expectativas dos pais e da sociedade em relação aos filhos. Essa idealização promove padrões de normalidade que, ao serem rompidos por um diagnóstico inesperado, podem gerar processos de luto, frustração e desconstrução de expectativas.

Além disso, foi possível observar que a construção de ideais de comportamento e desenvolvimento infantil está muitas vezes enraizada em

narrativas culturais e sociais que definem o que é considerado "normal" ou "patológico". A imposição desses padrões acarreta um peso considerável tanto para as crianças quanto para suas famílias. Assim, o diagnóstico de autismo frequentemente emerge como um divisor de águas na experiência parental, pois desafia a conformidade com esses modelos e exige que os pais revejam suas expectativas, abrindo espaço para o reconhecimento das singularidades de seus filhos.

O papel do cuidador, especialmente da mãe, também está atravessado por uma série de expectativas sociais que frequentemente colocam em segundo plano a complexidade das vivências subjetivas na parentalidade. A ideia de que o instinto materno é um traço natural e inato é um reflexo de uma visão simplista da maternidade, que nem sempre corresponde à realidade das experiências individuais. Como discutido por autores contemporâneos, o vínculo entre mãe e bebê nem sempre é instantâneo; pode levar tempo para se formar, e, em alguns casos, pode até resultar em sentimentos de arrependimento e desconexão.

Além disso, conforme abordado, o Transtorno do Espectro Autista (TEA) exemplifica a maneira como, apesar de avanços no entendimento do desenvolvimento infantil e da aceitação da diversidade, a sociedade ainda carrega a herança de ideais de perfeição e desempenho que influenciam as expectativas dos pais. Esse contexto reforça estereótipos e aumenta a pressão sobre as famílias para que "corrija" aquilo que foge ao padrão, sem considerar que a diferença e a diversidade fazem parte da experiência humana. Essa visão crítica, defendida por teóricos como Canguilhem, sugere que a diferença não é, em si, uma patologia, mas uma forma de vida distinta que deveria ser aceita e compreendida dentro de sua própria lógica e potencialidade.

Portanto, é fundamental que os pais e a sociedade se permitam questionar e desconstruir suas concepções de perfeição ou de um "ideal", abrindo espaço para uma compreensão mais inclusiva e compassiva das diferentes trajetórias de desenvolvimento. A desconstrução do "filho perfeito" não apenas desafia os pais a revisitar suas próprias expectativas, mas também representa uma oportunidade para que eles construam vínculos mais genuínos com seus filhos, aceitando suas particularidades. Ao promover uma visão mais inclusiva e menos normatizadora, este trabalho espera contribuir para um ambiente familiar, acadêmico e social que acolha verdadeiramente a diversidade humana em suas múltiplas formas.

## REFERÊNCIAS

- ACCORDINO, R. E., Green, I. W., & Diaz, A. Autism Spectrum Disorder in Lower Socioeconomic Communities. **Annals of Global Health**, 83(5–6), 753. <https://doi.org/10.1016/j.aogh.2017.10.018>, 2017.
- ALVES, E. G. D. R. A morte do filho idealizado. **Mundo saúde** (Impr.), 36(1), 90-97, 2012.
- APA - AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2014.
- ARIÈS, P. História social da criança e da família. 2 ed. Rio de Janeiro, **Zahar**, 1981.
- BAGAROLLO, M. F. **A (res)significação do brincar das crianças autistas**. Dissertação (Mestrado), Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2005.
- BHERING, E. SARKIS, A. **A inserção de crianças pequenas na educação infantil: um estudo sobre a perspectiva dos pais**. In: 30ª ANPED, 2007, Caxambu. Anais da 30ª Reunião Anual da ANPED em CD-ROM, 2009.
- BLACK, M. M.; WALKER, S. P.; FERNALD, L. C. H. *et al.* Early childhood development coming of age: science through the life course. **Lancet**, n. 389, v. 10064, p. 77-90. 2017.
- BOSA, C. Autismo: Atuais Interpretações para Antigas Observações. Em C. R. Baptista & C. Bosa (Orgs.), **Autismo e Educação: Reflexões e Propostas de Intervenção** (pp. 21-39). Porto Alegre: **Artmed**, 2002.
- BRASIL. Ministério da Saúde (2016). **Caderneta de Saúde da Criança: menino**. [https://b.paragov.br/bvs/público/caderneta\\_saude\\_menino\\_9ed.pdf](https://b.paragov.br/bvs/público/caderneta_saude_menino_9ed.pdf).
- BRONFENBRENNER, U. (2004). **Making Human Beings: Human Bioecological Perspectives on Human Development**. Sage: Califórnia, 2004.
- BRONFENBRENNER, U. A.; MORRIS, P. A. Ecologia do desenvolvimento humano. Tradução: de VERONESE, M. A. V. Porto Alegre: **Artes Médicas**, 2006.
- BRUM, C.N. *et al.* Revisão narrativa de literatura: aspectos conceituais e metodológicos na construção do conhecimento da enfermagem. In: LACERDA, M.R.; COSTENARO, R.G.S. (Orgs). **Metodologias da pesquisa para a enfermagem e saúde: da teoria à prática**. Porto Alegre: Moriá, 2015.
- CANGUILHEM, Georges. **O conhecimento da vida**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.
- COUTINHO, E.C.; *et al.* Gravidez e parto: O que muda no estilo de vida das mulheres que se tornam mães? **Rev Esc Enferm USP**. 2014; 48(Esp2):17-24.

CRIPPA, José Alexandre de Souza (coord.). Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM -5 -TR. 5, texto revisado. Porto Alegre: **Artmed Editora LTDA**, 2023.

CUNHA, N. V. S.; AYRES, N.; MORAES, B. A teoria da compensação em Adler e em Vygotsky. **Revista Eletrônica Arma da Crítica**. Ano 2, Número especial, p. 61-71. Dezembro 2010.

DALGALARRONDO, P. Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais (4ª ed.). **Artmed**, 2019.

DINIZ, E., & Koller, S. H. **O afeto como um processo de desenvolvimento ecológico**. *Educar*, 36, 65-76, 2010.

FERNANDES, Lorena Barolo; SCHLESENER, Anita; MOSQUERA, Carlos. Breve histórico da deficiência e seus paradigmas. **Revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Musicoterapia**, Curitiba, vol.2, p. 132 –144. 2011.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 23. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

FRANCO, V. Introdução à intervenção precoce no desenvolvimento da criança: com a família, com a comunidade, em equipe. Évora: **Edições Aloendro**, 2015.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de Pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GÓES, FERNANDO BARROS. **Os Pais e seu Filho Portador de Necessidades Especiais/Deficiência Mental**: um Encontro Inesperado. Dissertação de Mestrado, Recife: Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP, 2004.

KISHIMOTO, Tizuco Morchida (Org.). Jogo, brinquedo, brincadeira e a Educação. 13ª ed. São Paulo: **Cortez**, 2010.

KUPFER, M. C. M., Jerusalinsky, A. N., Bernardino, L. M. F., Wanderley, D., Rocha, P. S. B., Molina, S. E., Lerner, R. Valor preditivo de indicadores clínicos de risco para o desenvolvimento infantil: um estudo a partir da teoria psicanalítica. **Revista Latino americana de Psicopatologia Fundamental**, 6 (1), 48-68, 2009.

JERUSALINSKY, J. **Temporalidade e desenvolvimento**. In: Enquanto o futuro não vem: a psicanálise na clínica interdisciplinar com bebês. Salvador: Ágalma, 2006.

LAKATOS, Eva Maria & MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico**. Ed. Atlas, 1999.

LAWRENCE, J.A. & Dodds, A.E. Conceptual transposition, parallelism, and interdisciplinary communication. Em J. Tudge, M.J. Shanahan & J. Valsiner (Orgs.),

Comparisons in human development: Understanding time and context (pp. 293-303). New York: **Cambridge University Press**, 1997.

LEPRE, R. M. **Desenvolvimento humano e educação: diversidade e inclusão**. Bauru: MEC/FC/SEE, 2008.

LEVIN, Esteban. Clínica e Educação Com as Crianças do Outro Espelho. Tradução Ricardo Rosenbusch. 1ª ed. Petrópolis: **Editora Vozes**, 2005. 271 p.

LIMA, J.P.; CAZOLA, L.H.O.; PÍCOLI, R.P. A Participação do Pai no Processo de Amamentação. **Cogitare Enfermagem**, [S.l.], v. 22, n. 1, feb. 2017. ISSN 2176-9133.

MAGNUSSON, D. & Cairns, R. Developmental science: Toward a unified framework. Em R.B. Cairns, G.H. Elder & E.J. Costello (Orgs.), *Developmental science* (pp. 7-30). New York: **Cambridge University Press**, 1996.

MARTINS, G.A. & PINTO, R.L. **Manual para elaboração de trabalhos acadêmicos**. São Paulo: Atlas, 2001.

MARTINS, T. C. D. F. *et al.* Transição da morbimortalidade no Brasil: um desafio aos 30 anos de SUS. **Ciência & Amp**; Saúde Coletiva, 26(10), 4483–4496, 2021.

MEDEIRO, T.S.C., *et al.* Percepção das gestantes sobre a participação familiar no pré-natal. **Braz. J. of Develop.**, Curitiba, v. 6, n.4,p.18777- 18792 apr. 2020.

MENDONÇA, M. E. **A teoria do amadurecimento pessoal de D. W. Winnicott e a fisioterapia**. Winnicott e-prints, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 1-30, 2008.

MOTA, A. C. W., Cruz, R. M., & Vieira, M. L. Desenvolvimento e adaptabilidade de pessoas com transtorno autista na perspectiva evolucionista. **Journal of Human Growth and Development**, 21(2), 374-386, 2011.

MOTA, Márcia Elia. **Psicologia do desenvolvimento: uma perspectiva histórica**, 2005.

OLIVEIRA, B. D. C. D. *et al.* Políticas para o autismo no Brasil: entre a atenção psicossocial e a reabilitação1. Physis: **Revista De Saúde Coletiva**, 27(3), 707–726, 2017.

PFEIFER, L. I.; SANT'ANNA, M. M. M. O brincar em tempos de pandemia da covid-19: reflexões sob a perspectiva da terapia ocupacional/Playing in Covid-19 pandemic times: reflections from the occupational therapy perspective. **Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional Revista**, v. 6, n. 1, p. 834-844, 2020.

PAPALIA, D.; OLDS S.; FELDMAN, R. *Desenvolvimento Humano*. 8. ed. **Artmed**, 2006.

PÉREZ-LÓPEZ, J.; MARTÍNEZ-FUENTES, M. T.; DÍAZ-HERRERO, Á.; NUEZ, A. G. B. Prevención, promoción del desarrollo y atención temprana en la Escuela Infantil. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 43, p. 17-32, 2012.

PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação**. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1971

PIAGET, J. A evolução social e a pedagogia nova. In: PARRAT, S.; TRYPHON, A.(Orgs.). **Sobre a Pedagogia**: Textos inéditos. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

POMPERMAIER, C.; TEIXEIRA FREITAS, G. A Participação Paterna no Pré-Natal. **Anuário Pesquisa e Extensão Unoesc Xanxerê**, [S. I.], v. 5, p. e24268, 2020.

RIQUELME, S. La política social ante el desarrollo humano sostenible. Propuestas de renovación teórica. Observatório Iberoamericano del Desarrollo Local y la Economía Social. **Rev. Acad. Universidad de Málaga**.

ROTHER ET. Revisão sistemática X revisão narrativa. **Acta Paul Enferm** 2007.

SÁ SMP, Rabinovich EP. Compreendendo a família da criança com deficiência física. **Rev Bras Crescimento Desenvolv Hum**. 2006;16(1):68-84.

SALLES, L. M. F. **Infância e adolescência na sociedade contemporânea**: alguns apontamentos. Estudos de Psicologia, Campinas, v. 22, n. 1, p. 33-41, 2005.

SHAW, K. A. *et al.* Early Identification of Autism Spectrum Disorder Among Children Aged 4 Years — Autism and Developmental Disabilities Monitoring Network, 11 Sites, United States, 2018. **MMWR. Surveillance Summaries**, 70(10), 1–14, 2021.

Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP). **Manual de Orientação Transtorno do Espectro do Autismo**. Departamento Científico de Pediatria do Desenvolvimento e Comportamento. n. 5, 2019.

SUY, Ana. **Sobre Maternidade, Desejo e Impossíveis!**. São Paulo, 6 set. 2024. Instagram: @ana\_suy. Disponível em: [https://www.instagram.com/reel/C\\_Ilb8kxaav/?igsh=MTIkOTM3ZDFkZGF3NA==](https://www.instagram.com/reel/C_Ilb8kxaav/?igsh=MTIkOTM3ZDFkZGF3NA==) Acesso em: 26 out de 2024.

TROMBLY, C. A.; RADOMSKI, M. V. **Terapia ocupacional para disfunções físicas**. 5a. ed. Santos: Ed. Santos, 2005.

VYGOTSKY, L. S. A Defectologia e o Estudo do Desenvolvimento e da Educação da Criança Anormal. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 4, p. 861-870, dez. 2011.

WEISS, L. G.; OAKLAND, T.; AYLWARD III, G. P. Bayley III - uso clínico e interpretação. **São Paulo**, v. 423, p. 208, 2017.

WINNICOTT, D. W. O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: **Artes Médicas**, 1993.

WINNICOTT, Donald W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 2000. p. 403.

ZORNIG, S. M. A. Tornar-se pai, tornar-se mãe: O processo de construção da parentalidade. **Tempo Psicanalítico**, 2010.